

# KIERKEGAARD E A BUSCA POR UMA BARREIRA NO SEIO DO MAELSTRÖM DA MODERNIDADE

Gabriel Guedes Rossatti<sup>1</sup>

Resumo: Trata-se neste artigo de argumentar que na obra *O conceito de ironia*, seu autor, Kierkegaard (1813-1855), não obstante o fato de concebê-la como uma pesquisa acerca da figura de linguagem denominada *ironia*, se enreda em sérias e profundas contradições conceituais ao abordar indistintamente tal figura enquanto 1) subjetividade (socrática), 2) crítica (iluminista), 3) ironia romântica e, 4) o que ele próprio denomina de “ironia dominada”. Assim, servindo-me, como plataforma hermenêutica, da obra *Crítica e Crise* do historiador R. Koselleck, busco desenredar tais contradições de forma a demonstrar que por detrás dessa indistinção conceitual a obra *O conceito de ironia* tem, para além da questão mais superficial da ironia (enquanto figura de linguagem), como fio condutor mais profundo a questão do *niilismo*.

Palavras-chave: ironia – crítica – crise – niilismo – modernidade.

## I. Ironia socrática e subjetividade

Em 1841 o jovem teólogo dinamarquês Søren Kierkegaard, após ter defendido sua dissertação na Universidade de Copenhague, decide publicá-la sob forma de livro, o qual sairia nesse mesmo ano como *O Conceito de Ironia constantemente referido a Sócrates*.<sup>2</sup> Com efeito, as tais ‘constantes referências’ a Sócrates se encontram apenas na primeira das duas partes da obra,<sup>3</sup> na qual Kierkegaard busca recompor a personalidade ou mesmo a subjetividade de Sócrates, um notório partidário da comunicação *oral*, a partir dos relatos de seus contemporâneos, ou seja, Platão, Aristófanes e Xenofonte, através dos quais as ideias do filósofo grego teriam chegado até nós. Desse modo, através da análise combinada da figura de Sócrates presente nas obras desses três autores, Kierkegaard chega à conclusão de que a *atitude* existencial de Sócrates deveria ser denominada de *ironia*, uma vez que seu intuito teria sido não o de dar ou trazer conhecimentos positivos ao mundo ou aos seus contemporâneos, mas o de questionar as pretensões ou mesmo os fundamentos epistemológicos dos mesmos, isto com o intuito de fazer com que eles se voltassem para si mesmos, no sentido subjetivo mesmo da expressão. Neste sentido, Sócrates teria introduzido ao mundo uma noção qualitativamente nova de *subjetividade*. Acontece, porém,

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia na UFSC. E-mail: gabrielrossatti@gmail.com.

<sup>2</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 59-357; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*. Como há tradução para o português, todas as citações serão feitas a partir desta edição.

<sup>3</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 69-278; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 21-207.

que tal tese se revela problemática, pelo fato mesmo de que Kierkegaard parece fazer de Sócrates literalmente um *niilista*, dado que sua ligação para com o mundo, por assim dizer, dar-se-ia pela via da negatividade. E ainda que o conceito propriamente dito de *niilismo* não apareça na tese, e muito menos ligado diretamente a qualquer descrição de Sócrates, a sensação que permanece é a de que Sócrates teria sido, de fato, o introdutor de tal fenômeno na história mundial. Contudo, o verdadeiro problema não está aí, já que um maior se encontra na falta de explicitação que leva da primeira à segunda parte da tese, na qual Kierkegaard se debruça sobre o conceito *moderno* de ironia, o que ele entende fundamentalmente como “ironia romântica”.<sup>4</sup> Com efeito, o próprio Kierkegaard explicita, se é que se pode utilizar tal verbo, a ligação entre as duas partes de sua dissertação através das seguintes palavras:

O que deve constituir propriamente o objeto desta parte da investigação já foi dado, até certo ponto, na parte anterior, na medida que ali, sob a forma da contemplação, um aspecto do conceito já se tornou visível. Por isso, na primeira parte da investigação eu não tanto pressupus o conceito da ironia, quanto o deixei surgir, esforçando-me por orientar-me no terreno do fenômeno. Com isso, encontrei uma grandeza desconhecida, *um ponto de vista* que se mostrou como aquele que tem de ter sido o *característico de Sócrates*. Chamei este ponto de vista de ironia; contudo, o nome que se lhe dá é, na primeira parte da dissertação, o menos importante [...]. Entretanto, assim como na primeira parte da dissertação eu só me ocupei com Sócrates, assim também se mostrará no desenvolvimento do conceito em que sentido Sócrates é um momento do desenvolvimento do conceito, em outras palavras, mostrar-se-á se nele o conceito de ironia *se esgotou absolutamente*, ou *se não há outras* formas de aparição do fenômeno, que devemos igualmente levar em consideração, antes de podermos dizer que o conceito está suficientemente compreendido. Enquanto, pois, na primeira parte da dissertação o conceito pairava sempre no segundo plano, [...] nesta segunda parte da dissertação a aparição fenomenal do conceito, como uma

---

<sup>4</sup> A tese de que Kierkegaard trabalha com conceitos diferentes, senão contraditórios, de ironia é tudo menos minha; com efeito, os arguidores de sua dissertação já reconheciam tal problema, sendo que um deles, F. C. Sibbern (1785-1872), desejou expressamente que Kierkegaard mudasse o título da mesma, sugerindo assim, no lugar do título através da qual ela é conhecida até hoje, ‘Sócrates como um ironista, Com Contribuições ao Desenvolvimento do Conceito de Ironia em Geral, Particularmente com Referência aos Tempos Mais Recentes’ (SIBBERN, apud KIRMMSE, “Socrates in the Fast Lane: Kierkegaard’s The Concept of Irony on the University’s Velocifère”, p. 23). Mais recentemente, outros estudiosos se debruçaram sobre o mesmo problema, porém, chegando a resultados mais ou menos diferentes do que serão expostos neste artigo; neste sentido, ver, entre outros, BURGESS, “The Upbuilding in the Irony of Kierkegaard’s The Concept of Irony”, p. 142-144, 151, 155.

constante possibilidade de habitar entre nós, vai acompanhar o desenvolvimento.<sup>5</sup>

Neste sentido, é nesta segunda parte que a dissertação ganha sua verdadeira dimensão ou seu verdadeiro significado,<sup>6</sup> dado que ali, ainda que lido através das entrelinhas, fica algo mais claro que sua primeira parte seria apenas uma espécie de introdução ao tema ou, melhor dito, à *problemática* da ironia, já que, com efeito, as conseqüências mais amplas da atitude existencial denominada de ironia ganhariam seu verdadeiro significado apenas no século XIX, com o agravamento daquilo que Koselleck denomina de *crise*.<sup>7</sup> É para essa compreensão de ironia que me volto agora.

## II. Da ironia como crítica iluminista ao niilismo

Kierkegaard abre a segunda parte de sua dissertação com uma breve introdução, na qual reconhece que o conceito de ironia, por mais citado que fosse entre os mais recentes desenvolvimentos literários e filosóficos, não possuía, contudo, uma genealogia, coisa então que ele se propõe a sanar nesse trecho de sua dissertação.<sup>8</sup> Neste sentido, ele se propõe a oferecer algumas ‘observações orientadoras’,<sup>9</sup> nas quais a história recente da ironia é dividida em duas partes, a saber, uma *aristocrática*,<sup>10</sup> e outra, a *democrática*.<sup>11</sup> E ainda que Kierkegaard não se sirva de tais conceitos, tal parece ser a melhor nomenclatura para estes dois períodos fundamentalmente *simbólicos*,<sup>12</sup> uma vez que, de fato, Kierkegaard concebe esta passagem como a de todo um universo *mental* a outro, o que o leva, por fim,

---

<sup>5</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 281-282; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 211-212. Permanece inexplicada, pois, a exclusão arbitrária de outras aparições do fenômeno desde Sócrates.

<sup>6</sup> No que discordo redondamente de autores como Stewart, para o qual “N’O *Conceito de Ironia* o principal objeto de estudo de Kierkegaard é a ironia tal qual empregada por Sócrates.” (STEWART, *Kierkegaard’s Relations to Hegel Reconsidered*, p. 133); ora, como argumento abaixo, o tema da obra acaba sendo outro, a saber, o problema mais geral do niilismo, e não a “ironia socrática”.

<sup>7</sup> Cf. KOSELLECK, “Remarks on the History of the Concept of Crisis”, p. 148-158; KOSELLECK, *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*, passim.

<sup>8</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 282-283; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 213.

<sup>9</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 262-296; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 214-224.

<sup>10</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 285; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 214-215.

<sup>11</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 285-286; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 215.

<sup>12</sup> Sobre o tratamento eminentemente simbólico de questões sócio-políticas na obra de Kierkegaard, ver NORDENTOFT, *Hvad siger Brand-Majoren? Kierkegaards Opør med sin Samtid*, p. 56 ss.

a esboçar neste trecho<sup>13</sup> uma leitura crítica da *modernidade*,<sup>14</sup> caracterizada fundamentalmente pela preponderância do social ou, mais corretamente, pela *vida* da sociedade em contraposição à do indivíduo, no que ele problematiza, assim, um processo de autonomização até então impensável daquela.<sup>15</sup> Pois este processo, cristalizado conceitualmente por Tocqueville a partir de seu resultado como *poder social*,<sup>16</sup> ou mesmo como *vida social* por Balzac,<sup>17</sup> encontra em Kierkegaard a seguinte formulação:

[n]o nosso tempo [...] as relações burguesas e sociais quase tornam impossível qualquer *história secreta de amor*, em que a cidade e a vizinhança quase sempre proclamam do alto do púlpito, antes que o pastor o tenha feito, o enlace do feliz casal; no nosso tempo [...] a vida da sociedade se sentiria frustrada em um de seus privilégios preferidos, se não tivesse o poder de unir os laços do amor e ao mesmo tempo reservar-se o direito (ela, não o pastor) de dizer alguma coisa contra, de modo que os mexericos públicos é que legitimam um amor, e assim uma união contraída sem que a cidade fique ciente é quase considerada inválida ou ao menos como um atentado escandaloso aos seus direitos [...].<sup>18</sup>

Diante, pois, da ameaça da *tiranía da maioria*, Kierkegaard legitima o uso da ironia, na medida em que “[...] no nosso tempo, eu digo, pode muito bem parecer necessário a alguém fazer jogo falso, se não deseja que a cidade assuma o honroso negócio de fazer em seu nome o pedido de casamento [...]”.<sup>19</sup> Contra tal pretensão de onipotência, a ironia se torna, assim, uma salvaguarda de *liberdade subjetiva*,<sup>20</sup> *negativa*; contudo, o problema é que precisamente de salvaguarda de liberdades individuais, a ironia pode muito bem se tornar ou ser utilizada como uma arma, por assim dizer, de destruição em massa, pois como Kierkegaard a define,

---

<sup>13</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 285-290; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 214-220.

<sup>14</sup> Para uma abordagem mais sistemática desta questão, cf. ROSSATTI, *O conceito de modernidade nos escritos primeiros de Kierkegaard: uma análise semântico-conceitual*, passim.

<sup>15</sup> Cf. GAUCHET, *L'avènement de la démocratie I: la révolution moderne*, p. 155-186.

<sup>16</sup> Cf. MANENT, *Tocqueville et la nature de la démocratie*, p. 61-71.

<sup>17</sup> Cf. BALZAC, “Avant-propos”, p. 12.

<sup>18</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 289-290; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 219.

<sup>19</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 290; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 219.

<sup>20</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 291; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 220.

[a] ironia *sensu eminentiori* não se dirige contra este ou aquele existente individual, ela se dirige contra toda a realidade dada em uma certa época e sob certas condições. [...] Não é este ou aquele fenômeno, mas é a totalidade da existência que é observada *sub specie ironia*. Vemos assim a justeza da denominação hegeliana da ironia como *negatividade infinita absoluta* (grifo do autor).<sup>21</sup>

Na medida, portanto, em que a ironia naturalmente pende para o *negativo*, isto de acordo com sua definição mais fundamental, a saber, a de recurso retórico através do qual se diz o contrário do que se pensa,<sup>22</sup> ela conseqüentemente traz em seu seio o potencial para a *destruição*, uma vez que, novamente de acordo com Kierkegaard, “[e]la comporta, por isso, uma aprioridade em si, e não é aniquilando sucessivamente um pedaço da realidade após o outro que ela alcança a sua visão de conjunto, mas [...] é por força desta visão de totalidade que ela leva a cabo sua destruição [...]”.<sup>23</sup> O que significa, portanto, que a ironia é essencialmente *niilista*, pelo fato mesmo de que “[...] [p]ara a ironia, tudo se torna nada [...]”.<sup>24</sup> O curioso, como visto, é que ele mesmo prescreve a negação, ou seja, a *ironia*, aquela mesma que ele busca combater, como salvaguarda à tirania da maioria, de modo que, contra um mal aparentemente menor ele acaba por prescrever como remédio um mal maior. Tal é a contradição conceitual na qual ele se enreda e a qual ele busca resolver, como será visto mais tarde, através do conceito de “ironia dominada”.

Contudo, antes de fazer isso, Kierkegaard explora de maneira bastante sistemática a conotação efetivamente *niilista* da ironia, isto particularmente no trecho intitulado ‘A validade histórico-universal da ironia, A ironia de Sócrates’.<sup>25</sup> Ali, pois, Kierkegaard considera, em primeiro lugar, que a ironia implica um certo grau de *alienação* da parte do sujeito irônico em relação à realidade, uma vez que, como ele mesmo diz, sob a ironia “[...] *toda a existência* se torn[a] estranha ao sujeito irônico e este por sua vez se torna estranho à

---

<sup>21</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 292; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 221-222.

<sup>22</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 286; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 215.

<sup>23</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 292; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 221.

<sup>24</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 296; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 224. Não cabe aqui a tentativa de se definir um conceito tão profundamente equívoco como o conceito de “niilismo”; não obstante, e muito sumariamente, entendo-o, junto de M. A. Gillespie, como “o resultado de [...] uma corrente moderna de pensamento [...] que vê o homem [sic] não como um ser limitado e imperfeito [...], mas como um ser sobre-humano que pode criar o mundo de novo através da aplicação de sua vontade infinita”, (GILLESPIE, *Nihilism before Nietzsche*, p. xxiii).

<sup>25</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 297-308; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 224-235.

existência [...]”.<sup>26</sup> Assim, na medida em que “[...] a realidade perd[e] sua realidade para ele, ele próprio até um certo ponto se torn[a] irreal”.<sup>27</sup>

Mais especificamente ainda, no que diz respeito à ligação subjetiva para com a realidade, Kierkegaard entende que cada virada histórica seria composta do *Novo* e do *Velho*,<sup>28</sup> no que ele então concebe três tipos de subjetividades *alienadas* em relação a tal dinâmica, a saber, o *indivíduo profético*, o *herói trágico* e o *sujeito irônico*. O primeiro é, pois, descrito como aquele que avista ou que pressente o novo à distância, em traços indefinidos, no que ele encontrar-se-ia “[...] perdido para a realidade à qual pertence”.<sup>29</sup> Não obstante, sua relação para com a mesma é descrita como *pacífica*, dado que a realidade dada não sentiria nenhuma oposição formalizada, por assim dizer, vinda de tal sujeito.<sup>30</sup>

O *herói trágico*, por sua vez, é descrito como aquele que *luta* pelo novo,<sup>31</sup> esforçando-se por aniquilar aquilo que estaria em vias de desaparecer; contudo, “[...] sua tarefa não consiste tanto em destruir quanto em tornar vigente o novo, e com isso destruir indiretamente o passado”.<sup>32</sup>

Já o *sujeito irônico* seria aquele cujo grau de alienação seria o maior dos três, uma vez que, como já visto, ele não teria mais ligação para com a realidade. De fato, como que escrevendo a partir da descrição feita por Koselleck do processo dialético estabelecido entre crítica e crise, no qual “[p]recisamente em virtude das funções de defensor e acusador reunidas em uma mesma pessoa, o crítico eleva-se a instância suprapartidária e torna-se advogado da razão [...]”, o que, por sua vez, faz com que este só tenha “[...] uma obrigação: a obrigação em relação ao futuro [...]”,<sup>33</sup> Kierkegaard desenvolve o retrato do sujeito irônico nas seguintes linhas, descrevendo-o assim como aquele que

---

<sup>26</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 297; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 224.

<sup>27</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 297; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 224, (Tradução ligeiramente modificada).

<sup>28</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 298; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 226.

<sup>29</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 298; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 226.

<sup>30</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 298; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 226.

<sup>31</sup> A tradução de Valls neste ponto está incorreta: Kierkegaard fala do *novo* (*det Nye*), e não do *povo*, como ali se encontra: Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 298; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 226.

<sup>32</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 298; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 226. Tradução modificada: Valls traduz ali ‘*indiretamente destruir* [*indirecte tilintetgjøre*]’ como ‘*imediatamente destruir*’, o que não faz sentido, dado que assim a diferenciação entre o ‘herói trágico’ e o ‘sujeito irônico’ não ficaria clara.

<sup>33</sup> KOSELLECK, *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*, p. 96-97. Com efeito, cabe aqui ser citada uma pouco mais extensamente a passagem na qual Koselleck discorre sobre a figura do crítico tal qual representada por Pierre Bayle (1647-1706), dado que nela ecoam as palavras de Kierkegaard

[a]penas sabe que o presente não corresponde à ideia. Ele é o que deve julgar. Num certo sentido, o irônico é profético, pois ele aponta sempre para a frente, para algo que está em vias de chegar, mas não sabe o que seja. Ele é profético; mas se orienta, se situa *ao contrário do profeta*. O profeta anda de mãos dadas com seu tempo e a partir deste ponto de vista vislumbra o que há de vir. O profeta está [...] perdido para sua própria época, mas isto só porque está mergulhado na sua visão. O irônico, pelo contrário, apartou-se das fileiras de seu próprio tempo e tomou posição contra este, (grifo do autor).<sup>34</sup>

O sujeito irônico, outro nome, portanto, para (sujeito) *crítico*, não se situa em uma relação *orgânica*, tal qual o profeta, para com sua realidade histórica; ele está, assim, alienado da mesma, desenraizado, senão *livre*. Ele representa, portanto, precisamente o resultado do processo dialético instaurado a partir da crítica tal qual concebida por Pierre Bayle desde finais do século XVII na Europa e que seria expandida pelos críticos iluministas – aqueles que Habermas descreveria como ‘críticos críticos’ [*kritischen Kritiker*]<sup>35</sup> – ao longo do século XVIII, resultado este que Kierkegaard exprime a partir da expressão *negatividade infinita absoluta*, a qual, por sua vez, é explicitada da seguinte forma:

---

acerca do ‘sujeito irônico’: “O crítico está acima dos partidos. [...] Mas ele não cria uma nova ordem *hic et nunc*. Ao contrário, o reino da crítica só se evidencia por cima dos partidos, em um processo que se renova infinitamente. Assim, em Bayle, o crítico só tem uma obrigação: a obrigação em relação ao futuro. Pelo exercício da crítica encontra-se a verdade. A pretensão de alçar-se acima dos partidos impulsionava o processo para a frente na mesma medida em que seu fim não estava à vista. Na vinculação do crítico com a verdade a ser descoberta residia a autogarantia da crítica. [...] A crítica transformou o futuro em uma ressaca, que arrasta o presente sob os pés do crítico. Nessas circunstâncias, só restava ao crítico descobrir no progresso a estrutura temporal correspondente ao seu modo de ser. O progresso tornou-se o *modus vivendi* da crítica, mesmo quando não era entendido – a exemplo de Bayle – como movimento ascendente, mas sim como destruição e decadência. / Em todo caso, a vinculação com o futuro, criado pelo próprio juiz racional, emancipou-o para criticar o presente. Proporcionou ao executor da crítica, no presente, um espaço de absoluta liberdade”, KOSELLECK, *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*, p. 97.

<sup>34</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 298-299; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 226. Vale precisar que os apontamentos de Kierkegaard não são de todo condizentes com a dinâmica tratada por Koselleck, uma vez que para Kierkegaard o que estaria por vir para o sujeito irônico lhe viria de *trás*, ou seja, do passado, e não da frente, isto é, do futuro, o que para mim sinceramente não faz sentido. De qualquer maneira, é isto o que ele diz ao dar prosseguimento à última frase citada: “Aquilo que deve vir lhe é oculto, jaz *atrás* dele, às suas costas; mas a realidade a que ele se opõe como inimigo é aquilo que ele deve destruir; contra ela se volta seu olhar devorador [...]”, (grifo nosso). KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 299; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 226.

<sup>35</sup> Cf. HABERMAS, *O discurso filosófico da modernidade*, p. 63.

[e]la é *negatividade*, pois apenas nega; ela é *infinita*, pois não nega este ou aquele fenômeno; ela é *absoluta*, pois aquilo, por força de que ela nega, é um [algo superior], que contudo [ainda] não [existe].<sup>36</sup> [...] A ironia é uma *determinação da subjetividade*. Na ironia o sujeito está *negativamente livre*, pois a realidade que lhe deve dar conteúdo não está aí, ele é livre da vinculação na qual a realidade dada mantém o sujeito, mas ele é negativamente livre e como tal flutuante, suspenso, pois não há nada que o segure. Mas esta mesma liberdade, este flutuar, dá ao irônico um certo entusiasmo, na medida que ele como que se embriaga na infinitude das possibilidades, na medida que ele, quando precisa de um consolo por tudo o que naufraga, pode buscar refúgio no enorme fundo de reserva da possibilidade. [...] Ela [a ironia] é [pois] uma demência divina, furiosa como um Tamerlão que não deixa pedra sobre pedra. Aqui nós temos, portanto, a ironia, (grifo do autor).<sup>37</sup>

Não obstante, Kierkegaard curiosamente sintetiza a posição existencial de Sócrates a partir de tais termos, o que temporalmente falando seria um anacronismo. De qualquer modo, segundo Kierkegaard, Sócrates estava alienado de sua realidade histórica, o que ele enfatiza ao dizer que “[...] ele se tornara *estranho a toda realidade da substancialidade*”, (grifo do autor).<sup>38</sup> Contudo, como fica claro logo adiante na mesma passagem, haveria uma diferença significativa entre a alienação de Sócrates e aquela propriamente dita moderna tal qual experimentada pelos críticos iluministas, a saber:

[...] *Sócrates se serviu da ironia* para destruir o helenismo; seu comportamento frente a este era constantemente irônico; ele era ignorante e nada sabia, mas procurava constantemente esclarecimento junto aos outros; mas, deixando assim a ordem subsistente existir, ele a arruinou. Esta tática ele conservou até o fim, o que se mostra especialmente quando foi processado, (grifo do autor).<sup>39</sup>

---

<sup>36</sup> A mesma contradição apontada na penúltima nota se encontra logo na frase imediatamente seguinte, a qual dou aqui: “A ironia não estabelece nada; pois aquilo que deve estabelecer está *atrás* dela. Ela é uma demência divina...”, (grifo nosso). KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 299; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 226-227.

<sup>37</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 299; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 226-227. Tradução ligeiramente modificada.

<sup>38</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 302; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 229.

<sup>39</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 302; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 229.



Em outros termos, ainda que possuído pela ironia, a passagem dá a entender que Sócrates sempre foi, ao longo de sua existência, um *sábio* antigo, praticamente um *estóico*, *passivo*, o que está implícito na passagem quando Kierkegaard diz que ele teria deixado a ordem existente subsistir; já a forma de niilismo dos críticos iluministas seria, em contraposição a esta, *ativa*, dado que teria como pressuposto a crítica direta, objetiva. Neste sentido, poder-se-ia dizer que Sócrates estaria mais para um vagabundo mais ou menos inofensivo, enquanto que os críticos iluministas, como bem coloca Koselleck, estariam comprometidos com uma constante *emissão* de notas promissórias contra o futuro,<sup>40</sup> emissão esta baseada na publicação de escritos que visavam minar as bases sociais de maneira cada vez mais consciente e direta. Uma outra diferença seria a seguinte: se a ironia é fundamentalmente uma maneira de se “[...] *leva[r] (o) nada a sério* [...]” (grifo do autor),<sup>41</sup> Sócrates o fazia consigo mesmo ou ao apontar, para aqueles à sua volta (seus discípulos), para a direção da interioridade, caso estes estivessem dispostos a seriamente encarar, fosse o nada, fosse a própria subjetividade; já os críticos iluministas, de acordo com Koselleck, não tinham verdadeiramente noção de que estavam lidando, ao desenvolverem suas críticas ao regime absolutista, no fundo com o *nada* pelo motivo de que seus pontos de vista estavam ofuscados filosofias da história necessariamente otimistas. Seja como for, tais críticos acabaram por colocar a questão do nada como uma questão ou como uma experiência incontornável do mundo moderno.<sup>42</sup>

Acontece, porém, que esta forma ativa de crítica não estava limitada aos pensadores iluministas, isto é, pensadores mais ou menos ligados ao âmbito mais estrito da filosofia, mas, tal qual a *ressaca* apontada por Koselleck, esta viria a invadir todas as esferas da vida a partir da Revolução Francesa. Neste sentido, Kierkegaard dá início à sua análise de tal *ressaca* no século XIX com Kant, através do qual, em seu esforço hipercrítico, “[...] a moderna especulação, que agora se sentia adulta e emancipada, cansou-se da tutela na qual tinha vivido até ali sob o *dogmatismo* e se dirigiu, como o filho pródigo, ao seu pai e exigiu que fizesse o inventário e a partilha com ela” (grifo do autor).<sup>43</sup> Tal esforço, denominado pelo próprio Kierkegaard de “*criticismo*”,<sup>44</sup> teria feito então com que o pensamento, pelo fato mesmo de que o esforço teórico de Kant colocara a razão para julgar a si mesma, se desencaminhasse, no que cada passo seu o afastava cada vez mais de todo conteúdo. Diante disso, Kierkegaard alertava: “[a]qui se mostrou o que se mostrará em todos os

---

<sup>40</sup> Cf. KOSELLECK, *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*, p. 145.

<sup>41</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 307; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 234.

<sup>42</sup> Pois como diz Koselleck, “A dissimulação e o agravamento da crise são um único e mesmo processo. Na dissimulação reside o agravamento, e vice-versa./ A crítica iniciou esse processo”, (KOSELLECK, *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*, p. 161).

<sup>43</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 308; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 235.

<sup>44</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 308; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 235.

tempos, que quando se quer especular é especialmente importante estar na direção correta.”<sup>45</sup> Em outras palavras, Kierkegaard compreendia que o criticismo pelo criticismo se transforma em um movimento *utópico* se não for devidamente *limitado*, uma vez que, como ele compreendia tal dinâmica, “[...] a própria ironia se afunda naquilo que ela mais combate [...]”<sup>46</sup> Em outros termos, Kierkegaard concebia claramente a *crise* gerada pela “ironia-crítica”, coisa que fica clara, se não bastassem as passagens acima citadas, em outra passagem na qual ele reconhece que

[...] a ironia conseguiu dominar a realidade histórica fazendo-a flutuar, [...] [no que] também ela própria acabou por tornar-se flutuante. *Sua realidade é somente possibilidade*. Com efeito, se o indivíduo agente deve estar em condições de resolver sua tarefa de realizar a realidade efetiva, então ele tem de se sentir integrado em um contexto maior, tem de sentir a seriedade da responsabilidade, tem de sentir e respeitar todas as consequências racionais. Disto a ironia está livre. Ela se sabe na posse de um poder de iniciar tudo de novo quando bem lhe parecer; todo passado não [lhe] é um passado constrangedor, e assim como a ironia no plano teórico goza a sua alegria crítica, assim [também] ela goza no plano prático uma semelhante liberdade divina que não conhece nenhum vínculo ou corrente, mas que desenfreada e alegremente brinca [e] retouça como um Leviatã no mar.<sup>47</sup>

Sendo, pois, a ironia, este outro nome para *crítica*, esta dinâmica ou *energia* avassaladora, ela estava fadada a minar interiormente todos os domínios teóricos,<sup>48</sup> dado que “[...] julgava e condenava todo e qualquer *ponto de vista* [...], sempre ditando sentença assentada o tempo todo na cátedra do juiz [...], (grifo do autor).<sup>49</sup> No entanto, como Kierkegaard percebia, “[...] esta conduta que só julga e condena [...]”<sup>50</sup> não parecia se interessar pelo trabalho mais demorado de investigação metódica, pois como ele mesmo

---

<sup>45</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 308-309; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 235.

<sup>46</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 317; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 243.

<sup>47</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 315; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 241, (Tradução ligeiramente modificada).

<sup>48</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 314; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 240.

<sup>49</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 314; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 240.

<sup>50</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 314; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 240.

explícita, “[...] investigar, isto ela não fazia. Situava-se constantemente acima do objeto, e isto era aliás muito natural; pois só agora a realidade deveria iniciar”.<sup>51</sup>

Mas, como se pode imaginar, precisamente a limitação de uma tendência que “[...] assumi[ra] para si o importante encargo de produzir a realidade [...]”<sup>52</sup> era o que o criticismo não estava disposto a aceitar. Kant, com efeito, parecia estar ciente desta armadilha situada no interior da dinâmica da crítica, no que postulou assim a ideia da ‘coisa em si’ (*Ding an sich*), a qual serviria precisamente como limite para a voracidade daquela. Não obstante, como Kierkegaard reconhece a questão, esta nada teria feito senão aguçar a curiosidade dos filósofos,<sup>53</sup> tal qual Fichte, o qual teria, a partir da identificação da coisa em si com o pensamento, liberado infinitamente o mesmo; neste sentido diz Kierkegaard,

[a]o infinitizar desta maneira o eu, Fichte fez valer um idealismo, em relação ao qual toda realidade empalidecia, um acosmismo, em relação ao qual seu idealismo se tornou realidade [...]. Com Fichte, o pensamento se torna infinitizado, a subjetividade se torna a negatividade infinita, absoluta [...].<sup>54</sup>

Não obstante, como se não fosse suficiente borrar os registros desta *dinâmica* presente no domínio mais amplo da cultura – Kierkegaard de fato se refere a um *movimento da ausência de conteúdo* [*Indholdsløshedens Bevægelsen*]<sup>55</sup> –, dinâmica esta que não levava coisa alguma a sério, ou pior, que levava *o nada a sério*, Kierkegaard também considera ser legítimo descrevê-la como “romantismo”. Com efeito, para ele as expressões “a ironia” e “o irônico” podiam muito corretamente ser trocadas pelo “romântico” e pelo “romantismo”,<sup>56</sup> dado que o fenômeno mais fundamental compartilhado por ambos, ironia e romantismo, seria a noção de subjetividade exaltada,<sup>57</sup> ou seja, uma forma de

---

<sup>51</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 314; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 240.

<sup>52</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 315; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 241.

<sup>53</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 309; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 235-236.

<sup>54</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 309; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 236.

<sup>55</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 311; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 237.

<sup>56</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 312, Nota; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 282, Nota 9.

<sup>57</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 312; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 238.

*segunda potência da subjetividade*,<sup>58</sup> a qual, fundamentada sobre a liberdade absoluta estabelecida e sancionada por si mesma da crítica, concebia a si mesma como *infinita liberdade poética*,<sup>59</sup> ou seja, como liberdade negativa através da qual o irônico ganharia, por assim dizer, a capacidade de criar a si mesmo poeticamente. Esta atitude Kierkegaard descreve como “viver poeticamente”:<sup>60</sup>

[t]udo o que subsiste na realidade dada tem para o irônico *somente validade poética*; pois, afinal, ele vive poeticamente. Mas quando a realidade dada perde, desta maneira, a sua validade para o irônico, isto não acontece porque ela era uma realidade caduca, que devia ser substituída por uma outra mais verdadeira, e sim porque o irônico é aquele Eu eterno, para o qual nenhuma realidade é a adequada. [...] o irônico [...] é um crítico rigoroso [...].<sup>61</sup>

E como se não fosse suficiente borrar os limites entre crítica iluminista e romantismo, Kierkegaard vai mais além, reconhecendo *também* como ironia o espírito a animar um movimento literário-político que ganhava o nome de *Jovem Alemanha*, pois, como explicita Kierkegaard, a ligação entre um desenvolvimento e outro, “[a] tendência irônica não se encerra, de maneira nenhuma, com Tieck e Schlegel, pelo contrário, ela teve na ‘Jovem Alemanha’ uma rica sementeira [...]”,<sup>62</sup> no que ele então faz questão de acrescentar: “[e]sta ‘Jovem Alemanha’ foi também levada em consideração sob muitos aspectos na análise geral deste ponto de vista”.<sup>63</sup> Em outras palavras, Kierkegaard via na ironia, isto é, na negação de toda realidade histórica em nome de uma realidade autoproduzida<sup>64</sup> uma fundamental *tendência* mais geral da época como um todo,<sup>65</sup> pois

---

<sup>58</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 312; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 238, (grifo do autor).

<sup>59</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 317; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 243.

<sup>60</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 316; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 242.

<sup>61</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 319; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 245.

<sup>62</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 311, Nota; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 282, Nota 8.

<sup>63</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 311. Nota; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 282, Nota 8.

<sup>64</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 311; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 238.

<sup>65</sup> Vale precisar que tal compreensão de *crítica* como *ironia* fazia parte do contexto de língua alemã desde meados da década de 1830. De fato, em 1835 foram lançadas duas obras a partir das quais tal ligação conceitual se tornou corrente nesse mesmo âmbito, a saber, *A vida de Jesus, criticamente analisada*, do teólogo

como ele reconhecia o fato, “[...] nosso tempo está [...] profundamente penetrado pela reflexão [...]”.<sup>66</sup> Sendo a *reflexão* na passagem citada a reflexão *crítica*, isto, por sua vez, quer dizer que a época se lhe mostrava como perpassada pelo *nihilismo*, já que, nas palavras do próprio Kierkegaard, a “[...] ironia [...] *leva (o) nada a sério*, na medida em que não leva coisa alguma a sério”, (grifo do autor).<sup>67</sup>

Tudo isto para dizer que, se o sujeito irônico é explicitado como um ‘crítico rigoroso’, isto significa que para ele

[n]ada estava estabelecido, nada subsistia [...]. Quando deixava algo subsistir, é que sabia que tinha poder para aniquilá-lo, e o sabia no mesmo instante em que o deixava subsistir. Se el[e] punha algo, é que sabia que tinha autoridade para aboli-lo, e o sabia no mesmo instante em que o punha. El[e] se sabia de posse do *poder absoluto para ligar e desligar*. El[e] tinha o domínio tanto sobre ideias quanto sobre fenômenos, e aniquilava uns pelos outros. El[e] aniquilava o fenômeno mostrando que ele não correspondia à ideia; aniquilava a ideia mostrando que ela não correspondia ao fenômeno, (grifo do autor).<sup>68</sup>

De posse, pois, do poder absoluto para ligar e desligar a si mesma em sua tentativa de autofundamentação, a modernidade seria caracterizada para Kierkegaard como a época *crítica* por excelência, dado que, como ele mesmo expressa, tal pensamento, “[a] discrepância que a ironia estabelece com a realidade já está suficientemente indicada quando se diz que a *orientação irônica é essencialmente crítica*”, (grifo do autor).<sup>69</sup> Consequentemente, na aventura da modernidade hipercrítica não haveria descanso, nem mesmo no futuro glorioso almejado por todos os críticos, uma vez que nela “[n]ão se emprega então o sétimo dia – que sob muitos aspectos se pretende que deva ter chegado em nosso tempo – para descansar da obra histórica,

---

David F. Strauss (1808-1874), assim como *Wally, a cética*, do romancista Karl Gutzkow (1811-1878), um dos principais articuladores da ‘Jovem-Alemanha’; pois no que o romance deste foi censurado, Strauss veio em defesa de seu autor, no que admitiu a semelhança entre sua própria obra e a do romancista precisamente a partir do conceito de *ironia* compreendido como encarnação do *espírito crítico*; Cf. MASSEY. *Christ unmasked: the meaning of the the life of Jesus in german politics*, p. 56-80.

<sup>66</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 321; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 256.

<sup>67</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 307; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 234.

<sup>68</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 312; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 238.

<sup>69</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 312; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 238.

mas sim para criticar”.<sup>70</sup> De modo que se pode afirmar que a *dinâmica da crítica*, ou seja, a própria e mais profunda *dinâmica da modernidade* se mostrava a Kierkegaard como *negatividade infinita absoluta*, sem mais nem menos.

Não obstante, para Kierkegaard a realidade histórica entraria em relação com o sujeito de maneira dupla, a saber, como *dom* e como *tarefa*.<sup>71</sup> Por dom, Kierkegaard entende fundamentalmente o passado, e como tarefa o futuro. Desse modo, o ser humano seria perpassado necessariamente por forças que o impeliriam tanto ao futuro quanto ao passado, uma vez que ele seria lançado, através de seu nascimento, em um mundo já estruturado, preexistente, o qual, não obstante, não o constringeria de todo, uma vez que, como ele diz, “[...] a realidade é também, para o indivíduo, *uma tarefa que quer ser realizada*”, (grifo do autor).<sup>72</sup> Diferentemente, pois, da liberdade extremada reclamada pelo sujeito crítico, Kierkegaard compreende que a própria realidade deveria ser vista como uma *benção*,<sup>73</sup> uma vez que seria ela o elemento a possibilitar o espaço para a liberdade se desenvolver, ainda que dentro de certos limites, já que, como ele mesmo diz, “[...] se o indivíduo agente deve estar em condições de resolver sua tarefa de realizar a realidade efetiva, então ele tem de se sentir integrado em um contexto maior, tem de sentir a seriedade da responsabilidade, tem de sentir e respeitar todas as conseqüências racionais”.<sup>74</sup>

Neste sentido, Kierkegaard fala, portanto, em nome do princípio de realidade, posição esta que visa a *humildade*, em contraposição à *desmesura* característica do projeto antropológico da modernidade. Em contraposição a esta concepção de existência, e retomando as análises acerca da constituição de si enquanto personalidade poética presente em sua primeira obra, a saber, *Dos papéis de alguém ainda vivo*,<sup>75</sup> Kierkegaard considera que “[...] o aniquilamento doloroso do poeta se torna uma condição para a criação poética [...]”, no que ele acrescenta: “[...] [o poeta] só *vive poeticamente* quando ele mesmo está orientado e assim integrado no tempo em que vive, está positivamente livre na realidade à qual pertence”, (grifo do autor).<sup>76</sup> A poesia, este outro nome para *liberdade*, implica, pois, uma espécie de *ascese*, um morrer para o mundo e,

---

<sup>70</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 312; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 238.

<sup>71</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 312; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 238.

<sup>72</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 315; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 241.

<sup>73</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 315; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 242.

<sup>74</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 315; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 241.

<sup>75</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Af en endnu Levendes Papirer”, p. 9-57.

<sup>76</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 354; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 277.

consequentemente, a conquista de si mesmo enquanto espírito transsubstancializado, enriquecido de espiritualidade.

Neste sentido, Kierkegaard vê na poesia “[...] *uma espécie de reconciliação, mas não [...] a verdadeira reconciliação [...]*”, (grifo do autor).<sup>77</sup> A verdadeira reconciliação viria apenas através do cristianismo, o que implica dizer que existiriam duas concepções diferentes de *viver poético*, a saber, a *irônica* e a *cristã*. Em contraposição à primeira, Kierkegaard propõe então a outra, de acordo com a qual, mais fundamentalmente, “[...] viver não é a mesma coisa que sonhar”.<sup>78</sup> Assim, haveria uma outra forma de relacionar-se com a realidade segundo a qual “[...] qualquer homem *pode viver poeticamente se o quiser em verdade*”, (grifo do autor).<sup>79</sup> Esta concepção é, em suma, a do cristianismo, de acordo com a qual “[...] o [ser humano] só pode cumprir a sua determinação em se limitando [...]”,<sup>80</sup> o que implica o reconhecimento de algo superior que não apenas contrapor-se-ia à sua limitação, mas que, mais especialmente, daria *sentido* à tal limitação.

A existência humana, assim, é concebida por Kierkegaard como uma tarefa cuja finalidade, por um lado, seria a de dar a verdadeira e saudável forma poética ao indivíduo, enquanto que por outro, pelo fato mesmo de colocá-lo em uma relação equilibrada para com a realidade, seria a de reconhecer sua limitação, a qual, por sua vez, é compreendida como liberadora, dado que, como ele diz, somente “[...] o [ponto de vista] religioso [...] infinitiza a realidade para mim.”<sup>81</sup> Logo, se por um lado, o real é considerado constrangedor; por outro, ele teria a qualidade de liberar ou de infinitizar, já que, paradoxalmente, forçaria o indivíduo a criar a partir de condições concretas ou constrangedoras.

Não obstante, para Kierkegaard a ironia não perderia de todo o seu valor nesse processo, dado que ela possibilitaria precisamente uma espécie de vislumbre daquela *infinitização* característica do cristianismo. Em outras palavras, a ironia manteria seu aspecto positivo precisamente ao possibilitar um certo distanciamento poético em relação à realidade mais próxima de cada indivíduo. Neste sentido, Kierkegaard opera com uma distinção de grau: existiria, assim, uma concepção *desmesurada* de ironia,

---

<sup>77</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 330; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 255.

<sup>78</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 322; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 248.

<sup>79</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 330; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 255.

<sup>80</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 350; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 273.

<sup>81</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 331; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 255.

enquanto que, por outro lado, existiria uma concepção *equilibrada* da mesma, concepção esta que é ao final da tese denominada de *ironia dominada*.<sup>82</sup>

### III. Ironia dominada?

E ainda que Kierkegaard não tenha desenvolvido seus argumentos como seria de se desejar na parte mais importante de sua dissertação,<sup>83</sup> o recurso que ele ali utiliza em termos da cooptação de algumas figuras literárias compensa, até certa parte, tal falta de argumentação. Pois ali, de fato, surge a figura de Goethe (1749-1832), o herói virtualmente inominado da dissertação, o qual não por acaso é apontado, ainda que de maneira extremamente elíptica, como modelo literário, assim como Shakespeare (1564-1616). Este, com efeito, é muito rapidamente abordado, no que Kierkegaard reconhece que ele “[...] se relaciona ironicamente com sua poesia [...] precisamente [...] [ao] abrir espaço ao elemento objetivo”.<sup>84</sup> Já Goethe é apontado como tendo atingido o equilíbrio ideal entre transcendência e realidade, isto em boa medida pelo fato de que, enquanto poeta-filósofo, ele teria alcançado uma “[...] concepção global do mundo [...]”.<sup>85</sup> Mais especificamente, Kierkegaard reconhece que “[e]m Goethe, a ironia, então, era no sentido estrito um momento dominado, era um espírito a serviço do poeta”.<sup>86</sup>

Curiosamente, porém, outro nome invocado, ainda que não nestas páginas finais, é o de Hegel, singularmente interpretado como uma *barreira* à corrosão irônica; de fato, Kierkegaard faz questão de louvar seus méritos nos seguintes termos:

[...] jamais se poderá reconhecer suficientemente os grandes méritos de Hegel na compreensão do passado histórico. Ele não recusa o passado, mas sim o compreende, não despreza outros pontos de vista científicos, mas os ultrapassa. Com Hegel, portanto, fica posta uma *barreira* [Bom] contra aquela interminável conversa fiada de que a história universal deve iniciar agora, como se ela devesse iniciar precisamente às quatro horas ou

---

<sup>82</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 352-357; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 275-280.

<sup>83</sup> Pattison considera, mais especificamente, que “[i]nfelizmente, estas páginas finais são temivelmente condensadas e, isto deve ser dito, subdesenvolvidas [*under-argued*]”, (tradução nossa). PATTISON, “Beyond the grasp of irony”, p. 363.

<sup>84</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 353; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 275.

<sup>85</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 353; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 276.

<sup>86</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 354; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 276.



no mais tardar antes das cinco. Se um outro hegeliano deu uma arrancada histórica tão formidável que não consegue mais deter-se e numa corrida tremenda vai para os quintos do diabo, Hegel não tem nenhuma culpa disso [...].<sup>87</sup>

Teoricamente, pois, a ironia *dominada* é concebida precisamente como *barreira* ao movimento do niilismo, ou seja, da própria ironia, exatamente pelo fato de que

[q]uando [...] a ironia acabou de ser dominada, ela executa um movimento que é o oposto daquele em que ela manifesta sua vida indomada. A ironia *limita, finitiza, restringe*, e com isso confere *verdade, realidade, conteúdo*; ela *disciplina e pune*, e com isso dá *sustentação e consistência*. A ironia é um disciplinador [...], (grifo do autor).<sup>88</sup>

Como visto, Kierkegaard concebe a ironia como sendo, por assim dizer, *dialética*, dado que, como ele explicita logo na seqüência da passagem acima citada, a ironia seria também um “[...] banho de purificação, que salva a alma de ter sua vida na finitude [...]”.<sup>89</sup> Portanto, a ironia dominada serviria tanto para constranger, quanto para liberar ou infinitizar. Neste sentido, ela é concebida como prenúncio da verdadeira espiritualidade, funcionando assim como “[...] o início absoluto da vida pessoal [...]”.<sup>90</sup>

Em suma, Kierkegaard parece conceber a *ironia dominada* como um ponto existencial intermediário entre, por um lado, a ética, dado que, como ele diz, “[...] ela ensina a realizar a realidade, a colocar a ênfase *adequada na realidade* [...]” (grifo do autor),<sup>91</sup> e por outro, o cristianismo, uma vez que ela operaria como prenúncio da verdadeira espiritualidade. Para ele, pois, se “[...] o conteúdo da vida tem de ser um verdadeiro e significativo momento numa realidade mais alta, cuja plenitude atrai a alma [...]”,<sup>92</sup> nada mais conveniente do que fundamentar de maneira ético-espiritual a crítica, através do que ela, teoricamente, encontrar-se-ia limitada. Já quanto ao fato desta tentativa desesperada de se barrar a dinâmica da modernidade ter obviamente fracassado, isso me é

---

<sup>87</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 314-315; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 241, (grifo nosso).

<sup>88</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 355; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 277.

<sup>89</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 355; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 277.

<sup>90</sup> Cf. KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 355; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 277.

<sup>91</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 356; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 279.

<sup>92</sup> KIERKEGAARD, “Om Begrebet Ironi”, p. 357; KIERKEGAARD, *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, p. 279.

indiferente; não obstante, o que vale ser ressaltado aqui é que Kierkegaard tinha como claríssima a importância simbólica da *desmesura* (*hybris*) implícita no projeto da modernidade, fato este que o coloca no nível dos grandes críticos sociais do século XIX. Isto, por sua vez, torna incontornável a frequência de suas obras por todos aqueles que se preocupem com a condição humana na modernidade.

### KIERKEGAARD IN SEARCH OF A BARRIER WITHIN THE MAELSTRÖM OF MODERNITY

Abstract: The Danish theologian and philosopher Søren Kierkegaard (1813-1855) structured all of his works with the intention of barring the imminence of the crisis of meaning. Indeed, his dissertation, published in 1841 under the title of *The concept of Irony with continual reference to Socrates*, has as its ending a discussion on nihilism, a phenomenon which Kierkegaard seeks to bar through the recourse to a specific artifice. Nevertheless, I shall argue that such an artifice can be considered as, at the very least, contradictory, since it presupposes three, if not four different conceptions of *irony*, that is, 1) irony as (socratic) subjectivity, 2) irony as (enlightened) critique, which, on its turn, is equated to 3) romantic irony and, 4) what Kierkegaard himself names *controlled irony*. Thus, using as a theoretical referential the work of German historian Reinhart Koselleck *Critique and Crisis*, I shall seek to demonstrate that behind such a conceptual confusion, the work *The concept of Irony with continual reference to Socrates* has as its main theme a vigorous comprehension of the fundamentally modern phenomenon of nihilism.

Keywords: irony – critique – crisis – nihilism – modernity.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALZAC, Honoré de. *Avant-propos*. In: BALZAC, Honoré de. *La Comédie Humaine I: études de mœurs: scènes de la vie privée*. Édition publié sous la direction de P.-G. Castex, (Bibliothèque de la Pléiade). Paris: Gallimard, 1976.

BURGESS, Andrew. *The Upbuilding in the Irony of Kierkegaard's The Concept of Irony*. In: PERKINS, Robert (Ed.). *International Kierkegaard commentary: the concept of irony*. Macon, Georgia: Mercer University Press, 2001.

GAUCHET, Marcel. *L'avènement de la démocratie I: la révolution moderne*. Paris: Gallimard, 2007.

GILLESPIE, Michael Allen. *Nihilism before Nietzsche*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Trad. A.M. Bernardo et al. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

KIERKEGAARD, Søren. *Af en endnu levendes Papirer*. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1.

KIERKEGAARD, Søren. *Om Begrebet Ironi*. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1.

KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991.

KIRMMSE, Bruce. *Socrates in the Fast Lane: Kierkegaard's The Concept of Irony on the University's Velocifère*. In: PERKINS, Robert (Ed.). *International Kierkegaard commentary: the concept of irony*. Macon, Georgia: Mercer University Press, 2001.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Trad. Luciana V.-B. Castelo-Branco. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Contraponto, 1999.

\_\_\_\_\_. *Remarks on the History of the concept of crisis*. In: LILLY, Reginald (Ed.). *The ancients and the moderns*. Bloomington: Indiana University Press, 1996.

MASSEY, Marilyn C. *Christ unmasked: the meaning of the life of Jesus in German politics*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1983.

NORDENTOFT, Kresten. *„Hvad siger Brand-Majoren?“. Kierkegaards Opgør med sin Samtid*. København: G.E.C. Gad, 1973.

PATTISON, George. *Beyond the grasp of irony*. In: PERKINS, Robert (Ed.). *International Kierkegaard commentary: the concept of irony*. Macon, Georgia: Mercer University Press, 2001.

ROSSATTI, Gabriel Guedes. *O conceito de modernidade nos escritos primeiros de Kierkegaard: uma análise semântico-conceitual*. Tese de doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Florianópolis, 2012, 205 pp. Programa de doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina.

STEWART, Jon. *Kierkegaard's Relations to Hegel Reconsidered*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *Œuvres II: De la démocratie en Amérique I*. Édition publié sous la direction d'André Jardin, (Bibliothèque de la Pléiade) Paris: Gallimard, 1992.

\_\_\_\_\_. *Œuvres II: De la démocratie en Amérique II*, (Bibliothèque de la Pléiade). Édition publié sous la direction d'André Jardin. Paris: Gallimard, 1992.